

EDUCAÇÃO POPULAR RIZOMÁTICA: EDUCAÇÃO DAS MULTIPLICIDADES *

Wilson da Silva Santos **

Resumo: O conceito de rizoma nos leva a pensar a Educação Popular como uma ação de *n* saberes, sensações e valores, cujos sujeitos elaboram e produzem representações de si mesmos sobre platôs. A reterritorialização do conceito de rizoma na Educação Popular funciona como agenciamento maquínico e como força propulsora para elucidá-la em suas multiplicidades segundo conexões produzidas nas mais diversas particularidades, em consonância com as experiências da prática social concreta, dentro da dimensão das linhas de fuga.

Palavras-chave: Educação popular. Rizoma. Multiplicidades.

Apontamentos e aproximações da Filosofia deleuziana

Multiplicidades. Decerto, esta é a expressão mais consentânea com que podemos alcunhar a filosofia deleuziana. Deleuze tipifica, pela heterogeneidade de domínio de diferentes áreas de conhecimento, não tão-só a filosofia, também as ciências, as artes e a literatura. A

* Trabalho realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

** Mestrando em Educação Popular do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), na Linha de Pesquisa Políticas Públicas e Práticas Educativas. wisanvc@yahoo.com.br

heterogeneidade de diversos campos do saber aduzido no pensamento filosófico de Deleuze tem um escopo, que é a ação criadora do filósofo, o exercício – ou atividade criativa – do pensamento. Não se refere a fazer filosofia sobre ciência, literatura ou arte, muito menos refletir sobre. A sua filosofia estabelece um liame próprio com outras esferas do saber não com a intenção de ratificá-las ou validá-las, e sim instituir reverberações, relações/reflexões recíprocas entre os distintos domínios segundo a definição da sua *démarche*. Esta *démarche* é o pensar criador, contrapondo-se à constituição e perpetuação de um metadiscorso filosófico que se incumbe de explicações totalizantes incomensuráveis e irrefutáveis, postulando para si o estatuir do conhecimento. Essa seja, talvez, uma de suas principais críticas à epistemologia de ser o poder coercitivo do conhecimento. De *facto*, o constructo do pensamento filosófico é que vai nortear o trabalho de Deleuze.

Assim, a filosofia deve imergir na elaboração do novo, isto é, determinando-se, como exigência e reivindicação, na produção de um novo pensamento. Segundo Deleuze, a filosofia diferencia-se fundamentalmente de outros saberes, por ela ser a forma distintiva de criação e produção de “conceitos”. Ele atenta em congregar e relacionar arte, ciência e filosofia, observando a particularidade de criação de cada uma dessas áreas do saber, pois o objeto da ciência é criar funções, o da arte é criar conjunto de sensações integrado de percepto e afecto e o da filosofia, conceitos.

O complexo de relações e encadeamentos, que Deleuze efetua entre conceitos, originários da filosofia, com a ciência e a arte/literatura, vai desencadear e sustentar o seu plano filosófico, o de criar conceitos novos. Um conceito é uma simbiose de elementos variados, mas ordenados por “zona de vizinhança”. A sua composição faz-se por componentes heterogêneos e inseparáveis, por conexões, identidades, agenciamentos, condensações de seus próprios componentes – conceituais e não conceituais (functivo, percepto, afecto) –, consubstanciando-se em novo conceito filosófico.¹ É preciso salientar

¹ Uma análise mais acurada sobre o que é conceito encontra-se na obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari: **O que é Filosofia?**

que todo conceito filosófico reporta-se a um problema, “a problemas sem os quais não teria sentido, e que só podem ser isolados ou compreendidos na medida de sua solução. Não se criam conceitos, a não ser em função dos problemas que se consideram mal vistos ou mal colocados” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 27-28).

O projeto filosófico de Deleuze, que compreende a busca incessante da produção conceitual e do exercício do pensamento, privilegia alguns conceitos ou filósofos; de modo igual, prioriza elementos não conceituais na arte, na ciência e na literatura. A filosofia apresentada por Deleuze pretende constituir, sob forte influência de Nietzsche, uma genealogia do pensamento, especificamente a da filosofia marcada pela característica “geográfica de espaços opostos e assimétricos”, que se encerra na sua forma e conteúdo, entendida, à vista disso, como potência de surgimentos de conexões, associações, eixos, ligações, caminhos multiformes e multifacetados. Esta genealogia está entremeadada e atravessada em toda sua construção filosófica, principalmente ao apresentar “espaços antagônicos” onde o pensamento filosófico é esquadrihado e situado. A genealogia procura, então, assinalar dois tipos de filosofia, na sua constituição e aceção heterogêneses, em espaços antagônicos. Por isso, Deleuze instaura uma geografia do pensamento para desterritorializar e reterritorializar o pensamento filosófico, explorando sempre dois tipos de filosofia antagônicos.

Como mencionado no parágrafo anterior, na *démarche* do seu pensamento filosófico, Deleuze prioriza e antefere filósofos e autores de outras esferas do saber – literatura, arte, ciências² –, cujo objetivo é circunscrever um “espaço ideal” (não seria o rizoma-canal?), contrastando o diferenciativo e, em última análise, combatendo o espaço estampado por Platão, Aristóteles, Descartes, Hegel, Kant e Leibniz, considerados, pela história da filosofia, os arautos do pensamento oficial, estatal: a filosofia da representação ou o espaço da imagem do pensamento.

² Nietzsche, Espinosa, Lucrécio, Hume, Bergson e Foucault, na filosofia; Proust, Kafka, Kleist, Lenz, na literatura; Arquimedes, Demócrito, na Ciência. Para Deleuze, estes, entre outros, pulsam e energizam com movimentos intensivos, com força e potência intempestiva, que não se encontram nos axiomas impostos pela história da filosofia.

Entretanto, Deleuze propõe uma filosofia da diferença, do desejo, do sentido, do trágico, plural, múltiplo, uma filosofia do ser, um espaço do pensamento sem imagem, influenciado eminentemente por Nietzsche,³ outrossim, à luz de filósofos que engendraram e exaltaram o pluralismo em filosofia – Espinosa, Hume, Bergson, Foucault, Epicuro, Lucrecio, os estóicos. A agregação desses filósofos, num só espaço de pensamento, dá-se pela possibilidade de estabelecer um agenciamento, uma relação e ressonância entre os conceitos construídos por estes, que insurgem contra uma imagem tradicional perfilada à filosofia e que pretendem patentear “o novo exercício do pensamento”.⁴

Portanto, em todos os seus escritos, Deleuze enraíza e perscruta a relação *antagonique* que calha entre dois espaços de pensamento:

No curso de uma longa história, o Estado foi o modelo do livro e do pensamento: o logos, filósofo-rei, a transcendência da Idéia, a interioridade do conceito, a república dos espíritos, o tribunal da razão, os funcionários do pensamento, o homem legislador e sujeito. É todo o pensamento que é devir, um duplo devir, em vez de ser um atributo de um sujeito e a representação de um todo. Um pensamento em luta com as forças externas em vez de estar recolhido em uma forma interior, operando por revezamento em vez de formar uma imagem, um pensamento-acontecimento, em vez de um pensamento-sujeito, um pensamento-problema, em vez de um pensamento-essência,

³ A polaridade de espaços filosóficos tem como fulcro medular o antagonismo entre Platão e Nietzsche. A filosofia nietzschiana é a tentativa da reversão do platonismo, é a sublevação da filosofia da representação do Bem e da Verdade, do metafísico, do alto.

⁴ Essa relação entre os filósofos dá-se da forma de uma colagem: “Falar de colagem a respeito do pensamento filosófico significa dizer que o texto considerado é muitas vezes extraído de seu contexto, ou melhor, que os conceitos – considerados como objetos de um encontro, como um aqui e agora, como coisas em estado livre e selvagem – são utilizados como instrumentos, como técnicas, como operadores, independentemente das inter-relações conceituais próprias do sistema a que pertencem. Significa desembaraçar, desemaranhar os conceitos de seus sistemas de origem para criar um novo sistema, *um sistema aberto*” (MACHADO, 1990, p. 16, grifo nosso).

“Não se perguntará nunca o que um livro quer dizer, significado ou significante, não se buscará nada compreender num livro, perguntar-se-á com o que ele funciona, em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua, com que corpos sem órgãos ele faz convergir o seu. Um livro existe apenas pelo fora e no fora” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 12).

Poderíamos afirmar que os conceitos são desterritorializados em sua ambiência, com suas linhas de fuga, agenciamentos maquínicos, para reterritorializarem num novo plano de imanência, em novos territórios correlativos.

um pensamento que apela para o povo. Um pensamento nômade, um pensamento do de fora, a forma de exterioridade do pensamento, não é de modo algum, uma outra imagem que oporia à imagem inspirado no aparelho do Estado. É, ao contrário, a força que destrói a imagem e as cópias, o modelo e suas reproduções, toda possibilidade de subordinar o pensamento a um modelo do Verdadeiro, do Justo ou do Direito – o verdadeiro cartesiano, o justo kantiano, o direito hegeliano, etc. (DELEUZE; GUATTARI apud MACHADO, 1990, p. 14).

Evidencia-se, logo, consoante o que foi elencado por Machado, em citações do livro **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**, que Deleuze analisa a relação de espaços de pensamento opostos inconfundivelmente balizada por suas investigações noológicas: o espaço racional, modelar, dogmático, transcendente, árvore-raiz; e o espaço que é multiplicidade, plural, ontológico, intempestivo, rizoma-canal.

Para empreender esta filosofia, Deleuze expressa como assertiva basilar a necessidade de partir de um caso. No plano de consistência ou da imanência, é requerido determinar-se na posição em que o pensamento principiou, aproximar-se ao máximo do movimento múltiplo de um caso singular. Daí, a filosofia de Deleuze ser concreta, pois concebe o conceito como a inesgotável variedade do concreto. Ela é concreta ao “assinalar os desenvolvimentos impessoais de uma potência local exigida a manifestar-se como pensamento pelos casos através dos quais a única voz do ser se faz ouvir na sua declinação múltipla” (BADIOU, 1997, p. 25). Igualmente, a sua filosofia é sistemática e, por conseguinte, abstrata. Sistemática, ao selecionar impulsos de um caso-de-pensamento, pertinente a uma plasticidade local, congruente com um impulso singular, no qual se desdobra num diferencial unímico de potência. Abstrata, por agenciar vitalmente as relações entre os conceitos, conforme determinação dos casos diversos, ou das multiplicidades concretas dos casos.

Desse modo, podemos dizer que Deleuze fundou ou sustentou um método? Em **Diferença e Repetição**, Deleuze urge em proceder a uma análise de um Ser único e não categorizado. “As coisas se desenrolam em toda a extensão de um Ser unívoco e não dividido”

(DELEUZE, 1998, p. 54). Não se podem fracionar os entes para se chegar ao Ser do ente; o pensamento não deve perscrutar o Ser por um enquadramento imutável que o leve a divisões consecutivas, um partilhamento (aquinhoamento) das suas formas. O método deleuzeano recusa as mediações categoriais – sensível e inteligível, idéia e simulacro. Não é possível pensar por categorias ou representações mediatizadas; o “método filosófico” não autoriza a divisão do Ser por distribuições em tipos, grupos, classes: categoria.

Nenhuma aproximação do seu movimento por recortes formais preliminares, por mais refinados que sejam. É preciso pensar juntas a univocidade do Ser. Sem mediação dos gêneros e das espécies, dos tipos ou dos emblemas, em suma: sem categorias, sem generalidades (BADIOU, 1997, p. 43-44).

A confutação dessa distribuição fundada no dualismo do Ser é mais explícita ao realçar que o movimento do pensamento só pode se manifestar com uma única voz, “uma só voz do ser que se refere a todos os seus modos, os mais diversos, os mais variados, os mais diferenciados” (DELEUZE, 1998, p. 53).

Assim sendo, o método deleuzeano forma-se como pensamento intuitivo, enquanto pensamento sem mediação. Um movimento intuitivo que se diferencia da intuição cartesiana, principalmente. A intuição deleuziana constitui-se como método de insurreição nomádica do pensamento, a sua potência subversiva, provindo de um caso-de-pensamento, “um percurso atlético do pensamento”, uma multiplicidade extensiva, que não é uma apreensão imediata de uma idéia clara e distinta, um “golpe de vista da alma”, como quer Descartes; mas é uma criação complexa.

Em consonância com o aludido, podemos afirmar que, distante dos envoltórios idealista, transcendental e contemplativo, a filosofia de Deleuze está voltada peremptoriamente à superfície e à profundidade, isto é, com minudência aos “acontecimentos-micro”, com a vivacidade do cotidiano, corporificada com profusão e potência de detalhes.

É possível pensar e fazer a Educação Popular vislumbrada pelo

Rizoma?

A problemática da educação não foi a meta dos escritos de Deleuze. Mas, como pensar a educação, principalmente a Educação Popular (EP), tendo como interlocutor a filosofia deleuzeana? Trata-se de uma prática que envolve o pensar, ou melhor, o pensar criativo, o que tira toda intenção de apresentar soluções prontas, ou de dizer o que é bom ou ruim para esta educação e, muito menos, conceituar o que é Educação Popular. O desafio é exercitar o pensamento que nos leve a um processo, a um desencadeamento de multiplicidades e acontecimentos que a Educação Popular hoje engendra.

Para que esse devir possa ser realizado, vamos analisar um dos conceitos de Deleuze, “o rizoma”, e como esse conceito pode nos levar a pensar a EP como instância que se caracteriza como ação dinâmica e criativa no seu cotidiano. Vamos desterritorializar o conceito de rizoma e reterritorializá-lo na educação. Este conceito será como um agenciamento maquínico e seus diferentes tipos para analisar a EP, e não como propulsor de uma verdade que deve ser firmada; deve elucidar as suas multiplicidades por meio de conexões produzidas nas suas linhas de fuga.

O conceito de “rizoma” é apresentado por Deleuze e Guattari na introdução do livro **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Em todo o capítulo introdutório, os autores contrapõem a imagem de rizoma à imagem-modelo da arbórea. O rizoma perverte:

A ordem da metáfora arbórea, tomando como imagem aquele tipo de caule radiforme de alguns vegetais, formado por uma miríade de pequenas raízes emaranhadas em meio a pequenos bulbos armazenáticos, colocando em questão a relação intrínseca entre *os vários saberes particulares*, representados cada um deles pelas inúmeras linhas fibrosas de um rizoma, que se entrelaçam e se engalfinham formando um conjunto complexo no qual os elementos remetem necessariamente uns aos outros e mesmo para fora do próprio conjunto. Diferente da árvore, a imagem do rizoma não se presta nem a uma hierarquização nem a ser tomada como paradigma, pois nunca há um rizoma, mas rizomas; na mesma medida em que o paradigma, fechado,

paralisa o pensamento, o rizoma, sempre aberto, faz proliferar pensamento (GALLO, 2003, p. 93, grifo nosso).

Dessa maneira, o rizoma opera por redes de conexões e de heterogeneidade. Um ponto qualquer de um rizoma pode ser conectado a outro ponto qualquer; o que é diferente da árvore-raiz, que fixa determinado ponto a partir de uma unidade principal, pivô, funcionando como unidade hierárquica. Em um rizoma, o encadeamento de fenômenos sociais é conectado nas relações políticas, econômicas, sociais, culturais, etc., que funciona no agenciamento maquínico. Um rizoma, como movimentos subterrâneos, não pára de fazer conexão com o conjunto de organizações de poder, por exemplo, que aponta às artes, às ciências, às lutas sociais e que concentra ações muito diversas numa realidade heterogênea.

Também, a rede das multiplicidades atravessa todo fluxo rizomático. As multiplicidades são essencialmente rizomáticas, pois nos rizomas existem apenas dimensões, grandezas, determinações que, ao se expandirem, mudam de natureza. O crescimento dessas dimensões, nas multiplicidades, é provocado por um agenciamento; à medida que suas conexões aumentam, a sua natureza se modifica. Estas conexões são realizadas por linhas de fuga, desterritorialização que, por sua vez, transformam de natureza quando se conectam com outras. Há mudanças, modificações e transformações constantes, ou seja, há multiplicidades intempestivas, devires. Num rizoma, existem somente linhas com dimensões múltiplas, e nunca pontos, posições numa estrutura-arbórea hierárquica, unidade-pivô ou sistema fechado que, a partir do qual, ramificam suas folhas e galhos, tendo somente a comunicação com seu superior hierárquico; os canais de transmissão são preestabelecidos.

É preciso ressaltar que as multiplicidades rizomáticas são a-significantes. Qualquer rizoma engloba “linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 18); mas também encerra linhas de fuga, de desterritorialização, que fazendo sempre

ruptura, alongando, variando, com muitas dimensões e com múltiplas linhas de entrada, ligando os movimentos desterritorializados. Por isso, o rizoma é uma cartografia; visto que o mapa é aberto, possibilita a conexão com suas n dimensões, “desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Um mapa tem múltiplas entradas contrariamente ao decalque que volta sempre ao mesmo” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22).

Numa perspectiva rizomática, a EP pode ser concebida como campo de saberes, um campo entremeado pelas multiplicidades. Multiplicidades marcadas pelas concepções de mundo, pela produção do conhecimento, do saber popular, das formas de aprender, dos interesses, dos anseios, das percepções, dos desejos, das construções criativas e das necessidades dos sujeitos envolvidos e que subjazem em todo seu processo. Pensar “rizomaticamente” a EP é tentar desnudar essas multiplicidades que fazem interconexões e que são produzidas cotidianamente, que entram em movimento com linhas de fuga e intensidades, com velocidades muito diferentes, movimentos de desterritorialização. Como em qualquer fenômeno social, na EP, temos linhas de segmentaridade, de estratificação, que levam a sistemas centrados, de comunicação hierárquica e conexões preestabelecidas; mas, há linhas de fuga, de desterritorialização, com dimensões díspares cujas multiplicidades se transformam, mudando de natureza. Ela não é feita de unidades fechadas, e sim de dimensões máximas, de caminhos movediços, de todo tipo de devir. Nesse sentido, a EP rizomática é uma imbricação de ações educativas, de produção de conhecimento, de cultura, que se desenvolve nas mais diversas particularidades, envolvendo a sociedade, a educação, os saberes e as culturas, as aprendizagens populares, em ressonância com “princípios” e experiências da prática social concreta, na dimensão de um sistema aberto. Portanto, visa à transformação do existente a partir do próprio existente, para daí gerar o novo.

A Educação Popular, vista como um rizoma, passa a ser um agenciamento. Agenciamento coletivo que se faz de acordo com o fluxo do cotidiano, da subjetividade/subjetivação, do concreto, do social,

que ligados fazem multiplicidades ininterruptas sobre platôs.⁵ Dessa maneira, é uma máquina de resistência a todo sistema centrado. Define-se como sistema a-centrado, cadeias de autômatos finitos, nas quais as relações de saberes, de experiências, de conhecimentos, de práticas educativas, na dimensão popular ou no “plano de imanência popular”, se conectam a um ponto qualquer com outro ponto qualquer, “nos quais os indivíduos são todos intercambiáveis, de maneira que as operações locais se coordenam e o resultado final global se sincroniza independente de uma instância central” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 27).

Estando de acordo com esta idéia, a Educação Popular está na esfera da micropolítica, que acontece nas ações cotidianas, construindo agenciamentos maquímicos de desejo. Não busca a totalidade, não almeja modelos, soluções acabadas e dogmáticas; o seu objetivo é fazer rizoma, conexões, que procedem por variações, expansões de saberes, de conhecimentos e de expressões; um exercício de produção de multiplicidades de saberes. Fazer EP é fazer multiplicidades, é criar. Realizar conexões e novas conexões, levando a surgir novas multiplicidades, novas experiências, que, por conseguinte, potencializam e promovem uma educação que busca exercer ações socioculturais ramificadas nas micro-relações, agindo para consolidar a fecundidade dos atos cotidianos.

A perspectiva rizomática para EP é pertinente, na medida em que impulsiona intensidades, resguarda, pulveriza e encadeia as diferenças de saberes, desenvolvendo entre si a construção das multicompreensões. É feita numa região contínua de vibrações e intensidades que possibilita a conexão com n dimensões dos campos dos saberes, como mapa com suas múltiplas entradas e saídas. Está voltada então à superfície e à profundidade, isto é, com a preocupação

⁵ Para Deleuze e Guattari (1995, p. 33), “um platô está sempre no meio, nem início nem fim. Um rizoma é feito de platôs”. Eles designam platô “como algo muito especial: uma região contínua de intensidades, vibrando sobre ela mesma, e que se desenvolve evitando toda orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior”. É o campo das forças de subjetivação que nas suas intensidades consideram os múltiplos, pois não existe instância determinante, causa primeira, mas redes e traços de intensidades que vão fazendo contigüidades subjetivas.

– atenção – aos acontecimentos-micro, com a vivacidade do cotidiano, “corporificada com profusão e potência de detalhes”.

Uma não-conclusão

A EP, analisada rizomaticamente, é desferir a devires improváveis, a uma lógica dos múltiplos singulares dos n saberes, sensações, valores, etc. Será uma EP ontológica? Certamente uma EP da ação, do ato, contra toda representação instituída, cujos sujeitos elaboram, produzem representações de si mesmos sobre platôs.

Pensar EP dessa forma é fazer ruptura, tramar a nossa própria existência, é aprender/reaprender, é desafiar. Por isso, este exíguo texto não pode concluir, acabar, pois

um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser. O rizoma é unicamente aliança. Buscar um começo implica uma falsa concepção da viagem e do movimento. Kleist, Lens ou Büchner têm outra maneira de viajar e também de se mover, partir do meio, pelo meio, entrar e sair, não começar nem terminar. O meio é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 37).

Acredito que fazer EP rizomática é um dos nossos grandes desafios hoje. Sendo assim, conclamo a todos que:

Façam rizoma e não raiz, nunca plantem! Não semeiem, piquem! Não sejam nem uno nem múltiplo, sejam multiplicidades! Façam a linha e nunca o ponto! A velocidade transforma o ponto em linha! Sejam rápidos, mesmo parados! Linha de chance, jogo de cintura, linha de fuga [...]. Tenham idéias curtas. Façam mapas, nunca fotos nem desenhos. Sejam a Pantera cor-de-rosa e que vossos amores sejam como a vespa e a orquídea, o gato e o babuíno (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 36).

RHIZOME POPULAR EDUCATION: EDUCATION OF MULTIPLICITIES

Abstract: The concept of rhizome leads us to think of popular education as an action of n knowledges, sensations and values, whose persons mix and produce representations of themselves over plateaus. The reterritorialization of the concept of rhizome in popular education works as machine-agent and as pulsing power in order to elucidate it in its multiplicities through connections produced in several peculiarities, according to concret social behavior experiences, within scape lines dimension.

Key words: Popular education. Rhizome. Multiplicities.

Referências Bibliográficas

BADIOU, A. **Deleuze** – o clamor do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v. 1.

_____. **O que é Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. São Paulo: Graal, 1998.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. (Coleção Pensadores & Educação, v. 3).

GARCIA, Pedro Benjamim et al. **O pêndulo das ideologias: a educação popular e o desafio da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

MACHADO, Roberto. **Deleuze e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

SCOCUGLIA, Afonso C.; NETO, José F. (Org.) **Educação popular: outros caminhos**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1999.